

Colégio Sagrado Coração de Jesus: A presença da formação religiosa na educação feminina¹

Kátia Cristina Figueiredo*
Márcia de Cássia Gomes**

RESUMO

“A Educação da Mulher em Belo Horizonte: a contribuição das missionárias servas do Espírito Santo do Colégio Sagrado Coração de Jesus”

Caracterizando-se como uma investigação histórica, a pesquisa pretende contribuir para a conservação da memória da educação em Belo Horizonte, penetrando-se no cotidiano de uma escola católica feminina, resgatando suas práticas pedagógicas e revelando o ideário feminino que inspirava a formação da mulher. Para alcançar tais objetivos, dois procedimentos metodológicos foram utilizados: entrevistas, coleta e análise de documentos e jornais de época, fotografias, revistas, cadernos de ex-alunas, atas das reuniões do colégio, etc.

Esta pesquisa permite uma maior compreensão da Educação, do ponto de vista das relações de gênero.

ABSTRACT

Having the mark of a historical investigation, this research is aimed at preserving memory in Belo Horizonte, inquiring into the daily routine of a female Catholic school in the sense of recovering its pedagogical practice and revealing the female ideals which guided the woman's upbringing in the past. To attain these objective two methodological approaches were used: Interviews and a phase of collection-analysis of documents-newspapers of the past, photos, magazines, former students' notebooks, written records of school meetings, etc.

This research allows a more comprehensive understanding of Education from the viewpoint of gender relationships.

* Bolsista de Iniciação Científica

** Bolsista de Aperfeiçoamento

¹ Este artigo faz parte do Relatório Final do projeto Integrado “Educação e gênero; um campo em constituição — A formação de homens e mulheres em Minas Gerais”, sub-projeto 2: “A educação da mulher em Belo Horizonte: A contribuição das Missionárias Servas do Espírito Santo do Colégio Sagrado Coração de Jesus”, coordenado pela professora Eliane Marta Teixeira Lopes e realizado pelas bolsistas do GEHEM, com apoio financeiro do CNPq. (Grupo de Estudos de História da Educação da Mulher)

Introdução - O ambiente deste fazer

O Colégio Sagrado Coração de Jesus é um dos mais antigos educandários de Belo Horizonte, precedido apenas pelo Colégio Santa Maria e pelo Instituto Metodista Isabela Hendrix. É o segundo colégio católico para educação das moças mineiras instalado nesta Capital, caracterizando-se como um Colégio voltado para a elite e exercendo enorme influência na vida educacional mineira. O estudo da vida do Colégio (1911-1980) nos permite resgatar um pouco a história da educação em Minas Gerais voltada para a formação e instrução das mães e professoras pertencentes à elite mineira.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus pertence à Congregação das Missionárias Servas do Espírito Santo, congregação de origem alemã, que tem a "casa mãe" em Vila Steyl, Holanda. O fundador desta congregação foi o Padre Arnaldo Jansen, beatificado em 19/10/1975, pelo Papa Paulo VI. Padre Arnaldo, inicialmente, em 1875, fundou a Congregação do Verbo Divino, a seguir a Congregação Missionárias Servas do Espírito Santo e posteriormente a Congregação Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Segundo Padre Arnaldo Jansen, as congregações por ele fundadas tinham como objetivos:

"Propagar o reino de Deus entre os infieis, dedicar-se às missões populares, a pregação de retiros espirituais, a cura das almas nas paróquias e a educação a mocidade em escolas normais, em colégios, em academias e em seminários".
(grifo nosso)

(JANSEN, A.)

Em 08/12/1889 foi inaugurada a Congregação Missionárias Servas do Espírito Santo, sendo aprovada em 1893 pelo Senhor Bispo de Roermond, Monsenhor Boermanns, em 24 de março de 1925 pela Sé Apóstolica. As co-fundadoras foram Helena Stollenwierk (Madre Maria) e Hendrina Stermanns (Madre Josefa). O fundamento da Congregação Missionárias Servas do Espírito Santo é a idéia missionária.

Algumas jovens assumiram o desafio de tomarem-se Missionárias Servas do Espírito Santo, sendo enviadas pelo mundo com a missão de fazer "CONHECIDO, AMADO E GLORIFICADO O DEUS UNO E TRINO", servindo a humanidade sofredora em busca de libertação.²

HADDAD e SANTOS (1992), estudando "A Contribuição das Dominicanas do Colégio Santa Maria", assim contextualizam a vinda para o Brasil dessas congregações européias:

"(...) O esforço de reorganização da Igreja Católica no Brasil concentra-se no período de 1890-1921, quando se destaca o papel desempenhado por religiosos europeus de congregações masculinas e femininas. Naquele momento na Europa, a crise que a Igreja enfrentava em vários países, colocava em situação adversa as inúmeras congregações religiosas que sofriam perseguição, constrangimentos e até expulsão. Conseqüentemente, a abertura do Brasil às congregações européias não se dá aleatoriamente. Havia uma conjugação de

interesses que se configurava de um lado, pela busca de alternativas de sobrevivência alimentada pela mística da ação missionária em terras da América e, de outro, pela necessidade de fortalecer a Igreja no Brasil com a rica experiência de padres e irmãs que já atuavam principalmente em obras paroquiais educativas e assistenciais na Europa. O trabalho destas congregações européias concentra-se na luta contra o avanço de outras frentes religiosas que buscam no Brasil espaço para exercer sua influência. (...)"

(HADDAD e SANTOS, 1992, p.10.11)

A Igreja Católica orientava as congregações religiosas católicas para que atuassem principalmente em instituições educacionais, exercendo grande influência na formação da juventude, preparando as moças, no caso de colégios femininos, para atuarem como exemplos perfeitos de esposas, mães e professoras.

Estes objetivos são confirmados por Padre Arnaldo Jansen: "Parece que cabe às religiosas uma parte muito importante na evangelização do mundo..."

A formação de boas mestras e de boas mães de família, se vale, com bons resultados do auxílio das irmãs." (Edição comemorativa das Missionárias Servas do Espírito Santo 75 anos no Brasil p. 04 e 05)

As primeiras irmãs Servas do Espírito Santo chegaram ao Brasil em 1902; estabeleceram-se em Juiz de Fora-MG, onde fundaram o primeiro Colégio "Stela Matutina". Aos poucos, estendeu-se o seu campo de ação por todo o Estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Santa Catarina. No entanto, em Juiz e Fora, já estavam os padres do Verbo Divino, chegados em 1895.

1. A Fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Belo Horizonte

No dia 15 de janeiro de 1911 foi inaugurado,³ na rua Cláudio Manoel da Costa, esquina com Pernambuco, o pequeno Colégio, sob a égide do Sagrado Coração de Jesus. Ali funcionou até 1913. No primeiro dia de aula compareceram vinte e sete alunas. Dez dias depois já eram sessenta e sete, sendo quinze meninos.

Dividiram-se as classes: o número de alunos era "consolador" e, em breve, viram que a casa não os comportaria por muito tempo. Era necessário pensar na construção de um prédio que satisfizesse às exigências de um bom colégio. Foi escolhido um terreno, um verdadeiro matagal sem casas ao redor. A planta foi feita por um sacerdote do Verbo Divino e, "confiante em Deus", deu-se início à construção. As irmãs seguiram o exemplo do fundador que dizia: "A obra é necessária, então construamos. Deus há de providenciar os meios." Depois de muitas dificuldades, as irmãs mudaram de casa no dia 13 de dezembro de 1913. O ano letivo de 1914 foi iniciado no novo prédio. O número de alunas subiu a oitenta para um curso elementar de sete anos, bem organizado, que "preparava as alunas para a vida", dando-lhes uma "boa formação intelectual, moral e religiosa".

Depois de certo tempo, porém, não crescia o número de alunas. "Todo jovem quer ter um diploma oficial nas mãos" e isso incentivou as irmãs a trabalharem com afinco para a equiparação do Colégio à Escola Normal Modelo (hoje Instituto de Educação), o que era muito difícil, quase impossível, naquela época.

Afinal, em 17/10/1925, no governo do Presidente de Estado de Minas Gerais, Melo Viana, através do decreto nº 6.769, o Colégio foi equiparado à Escola Normal Modelo, o primeiro na capital a obter essa equiparação. Um grande número de alunas, então, procurou o estabelecimento. Como aceitar todos os pedidos

2 Extraído do folheto "Missionárias Servas do Espírito Santo, produzido pelo Convento da Santíssima Trindade, Santo Amaro, SP.

3 Essas informações foram retiradas de um texto intitulado "Abordagem sobre a filosofia fundamental do Colégio Sagrado Coração de Jesus", elaborado pelo Colégio, sem data e sem autoria.

de matrícula que vinham de todos os pontos do Estado? Mas irmã Clemência, então diretora (de 1923 a 1929), não rejeitava as alunas e sempre "sabia dar um jeito".

O internato chegou a abrigar duzentas internas. Desde então, todos os anos, um grande número de

"jovens diplomadas descem as escadarias do Colégio com o seu diploma nas mãos, prontas para enfrentar a vida. E várias alunas dignificaram o seu colégio, ocupando cargos de relevo na sociedade e no magistério. (...) No ano de 1949, por ocasião da célebre 'maratona catequética', ele brilhou, alcançando uma de suas alunas do terceiro ano de Formação, o grande prêmio da viagem a Roma, por se ter distinguido nas provas a que se submeteu. Primeiro no concurso da arquidiocese, depois no do Brasil inteiro, na capital da República. Maria A. Cunha foi essa aluna que tanta glória deu a seu colégio". (Jubilate de 50 anos. Servas do Espírito Santo no Brasil. p. 91)

Em 1928, uma reforma do ensino normal em Minas Gerais abalou o estabelecimento. O número de alunas caiu sensivelmente, pois a partir de então, só os estabelecimentos oficiais poderiam formar professoras para o interior e para a Capital. A direção então resolveu iniciar o curso ginásial, que começou a funcionar como seção feminina do "Colégio Arnaldo".⁴

Quando houve a grande reforma do curso ginásial (Inspeção permanente no 1º ciclo - Decreto Federal nº 9.028-MG, em 17/3/1942 - e no 2º ciclo, Decreto nº 10.855-MG, em 19/11/1942, o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi o primeiro da Capital a funcionar com o primeiro e segundo ciclos.

O processo de expansão da Igreja no Brasil não poderia ocorrer em melhor hora. As oportunidades de ensino na capital mineira para filhos da elite eram bem limitadas, principalmente em relação à mulher; havia assim um grande interesse da burguesia local em implantar na cidade educandários que orientassem suas filhas, dando-lhes uma boa educação voltada para o desenvolvimento moral, religioso e intelectual.

"As congregações religiosas femininas, cujos efetivos crescem velozmente, são responsáveis pela vasta rede de escolas e colégios para a infância e juventude feminina que passa a cobrir as cidades do país. Esses colégios estavam voltados quase sempre para o atendimento das elites e funcionavam sob o regime de internato..."

(BEOZZO, Azzi, 1983, p.128)

Ao ser entrevistada, a irmã Obedientíssima,⁵ atual diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, fez a seguinte observação em relação à importância do Colégio para Belo Horizonte:

"Eu acho que era educar principalmente a juventude; naquele tempo, apesar do número ser menor (colégios) era muito grande com relação a Belo Horizonte; hoje é menor porque Belo Horizonte cresceu e os colégios diminuíram. Aqui era educação religiosa e os pais muito falavam, fazem

questão, às vezes não tem vaga, não tem lugar, eles fazem questão por causa da educação religiosa."

A capital mineira é exaltada por uma ex-aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus em um artigo⁶ que ilustra com clareza o sentimento existente com relação à cidade:

"Belo Horizonte, assim chamada por apresentar um deslumbrante horizonte, é, sem dúvida, uma das principais cidades do Brasil, pelo seu grande progresso, apesar de ainda muito nova. Sendo de construção moderna, acha-se ornamentada de belos edifícios e um grande número de arranha-céus, orgulho da engenharia brasileira. Suas ruas bem traçadas, as avenidas amplas, calçadas e iluminadas, são circundadas pela Avenida do Contorno; as praças ajardinadas lhe dão um aspecto majestoso e lindo. Entre suas imponentes construções, encontramos magníficas igrejas e, futuramente, teremos erguida a majestosa, uma nova catedral, rivalizando-se com a Basílica de São Pedro em Roma.

Quanto ao ensino é uma das cidades de maior progresso, no Brasil. Entre o grande número de colégios e ginásios, se destaca o Colégio Sagrado Coração de Jesus, tendo ao lado a imponente Capela do Divino Espírito Santo. A universidade conta milhares de alunos e os grupos escolares de Belo Horizonte são também magníficos.

A cidade está situada em um ponto tal que podemos ainda triplicá-la em tamanho. Sua iluminação é admirável; sua indústria e comércio andam em constante desenvolvimento. Belo Horizonte apresenta um lindo aspecto; mas, o característico e principal da cidade não é somente isto, e sim as árvores que a ornamentam, dando-lhe o nome de Cidade Jardim."

(HORTA, 1943)

O Colégio Sagrado Coração de Jesus é mantido pela "Sociedade de Ensino e Beneficência", estabelecida em São Paulo.

Atualmente, o Colégio é administrado por quatro irmãs que exercem atividades nas funções de: diretora, vice-diretora, coordenadora do turno da tarde e professora de religião.

O colégio conta com noventa e sete funcionários(as), entre professoras(es), leigas(os) e algumas ex-alunas que trabalham na supervisão, biblioteca, secretaria, coordenação e etc...

O Colégio Sagrado Coração de Jesus funcionou como estabelecimento feminino no período de 1911 a 1972; sendo que o curso primário sempre foi misto. O regime de internato funcionou no período de 1913 a 1962.

2. O Cotidiano das Internas

O internato do Colégio Sagrado Coração de Jesus abrigou meninas que vinham de vários locais do Estado de Minas Gerais, para estudar e morar, por alguns anos, num novo lar.

Segundo Elza NADAI (1990), os colégios religiosos católicos utilizaram-se, largamente, do internato como base fundamental de sua própria pedagogia para formar bons cristãos, impondo o isolamento total ou parcial às meninas e aos meninos que nele estudaram.

O tempo em que as mulheres - ex-alunas — viveram no internato foi rememorado por algumas de nossas entrevistadas. Notamos que as marcas deixadas, nessa época, ainda estão muito presentes em suas vidas. Relembram dos dias sempre iguais, das regras severas de disciplina, de obediência, do culto ao silêncio e do incentivo às práticas de **devoção** e **submissão**.

Ao chegar ao internato, cada interna trazia o seu **enxoval**, de

4 O Colégio Arnaldo iniciou suas atividades em Belo Horizonte em 1912 e pertence à Congregação do Verbo Divino, também fundada pelo Padre Arnaldo Jansen.

5 A Irmã Obedientíssima é diretora do Colégio desde 1965.

6 Artigo publicado na Rex-Revista das ex-alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, ano X, nº 7, 8, set./out. 1943; p. 16 - Lúcia de Figueiredo Horta. "Belo Horizonte".

linho branco, bordado à mão, e várias expectativas e sonhos... Seguiam uma rotina e uma disciplina rígida, onde havia horário para tudo (acordar, se lavar, ir à missa, tomar café, assistir aulas, almoçar, estudar, etc), cultivavam a obediência e o silêncio, tinham suas vidas reguladas pelas irmãs dentro e fora do Colégio.

São depoimentos de ex-alunas (internas) do Colégio Sagrado Coração de Jesus:

"O dormitório ficava no último andar do colégio, era enorme. Nem me lembro mais de quantas alunas tinham; naquela época não tinha assim um lavabo, não tinha pia, sabe como era, tinha um criado assim ao lado de cada cama e em cima do criado tinha uma bacinha com água, a saboneteira, a escova de dente, a gente que levava.

(...)

Em um canto do dormitório ficava a cela da irmã que tomava conta do dormitório. Não era sempre a mesma, elas faziam rodízio (...) e da nossa cama a gente ouvia o movimento da irmã lavando o rosto com o jarro e bacia, mudando de roupa..."

Eram raras as saídas das internas do Colégio. Às vezes, só tinham contato com a família uma vez por ano, devido às dificuldades de deslocamento e das enormes distâncias. Quando não recebiam autorização para saírem, aos domingos, para visitar parentes ou famílias de colegas internas e/ou externas, mantinham o mesmo cotidiano do Internato, com direito a escolher, na biblioteca do Colégio, livros a serem devolvidos em curto prazo.

As irmãs exerciam um forte controle sobre o corpo e a sexualidade das internas.

A presença da ideologia da interdição do corpo com relação à mulher, (FREIRE, 1989, p. 104) ficava demonstrada em cada ordem dada às internas pelas irmãs.

"O corpo da mulher era pecaminoso, podia gerar desejos proibidos, e por isso, não podia ser mostrado. Devia ficar escondido sob as camisolas e lençóis, livres de pensamentos incompatíveis com a figura de mulher que era idolatrada: a Virgem Maria, santa, pura."

(HADDAD e SANTOS, 1992, p. 33)

Isto é percebido através da fala das ex-internas:

"As seis horas em ponto, ela nos acordava, primeiro tocava o sino, em seguida ascendia as luzes fazendo a saudação do colégio: — 'VIVA O ESPÍRITO SANTO!' e todas respondiam bem alto: — 'EM NOSSOS CORAÇÕES!' Então todas pulavam da cama e havia o ritual de arrumar a cama. Todas quase ao mesmo tempo, primeiro tiravam toda a roupa de cama e, seguindo as regras determinadas, arrumavam a cama. Fazia-se então a higiene. Nos primeiros tempos, logo quando eu entrei para o colégio, cada uma tinha a sua bacia e seu jarro para lavar o rosto e escovar os dentes: mais tarde houve uma reforma e então já havia água encanada e usava-se as pias. Em outra sala grande, havia sanitários e, ao lado de cada um havia um bidê. Os bidês eram usados principalmente pelas meninas que estavam menstruadas, mas o banho de chuveiro era tomado dia sim, dia não. Quando as aulas eram na parte da tarde, havia a chamada para o banho pela manhã e vice-versa. Tudo era feito rapidamente, com muita ordem e sem conversa..."

"Na hora de tomar banho, a gente tinha uma camisola, não podíamos tomar banho pelada, não podíamos ter contato com o corpo (...) Naquele tempo era tudo pecado."

A camisola que as internas usavam era simples, comprida, de cor, sem manga e um pouco decotada. As internas não podiam ter

contato direto com o corpo e se lavavam sem retirar a camisola; às vezes molhavam a camisola fora do corpo ou a levantavam para se esfregarem.

As que traziam a camisola molhada e torcida e que seguiam, religiosamente, as ordens das irmãs ganhavam um distintivo, no final do mês, pelo bom comportamento e as que "transgrediam" as normas estabelecidas perdiam pontos nas aulas de civilidade, em que as irmãs "ensinavam" como as internas tinham que se "comportar."

"Tínhamos que obedecer as ordens do colégio, era tudo rigoroso, a gente não podia conversar sabe, de jeito nenhum, se não fizesse silêncio perdia ponto em civilidade."

"As aulas de civilidade eram constituídas de momentos formais dedicados à inculcação dos valores e das representações acerca da vida, da família, enfim, do poder e do espaço feminino na sociedade burguesa". (NADAI, 1990, p. 24)

Manter a "boa ordem" no Colégio fazia parte das práticas exercidas intensamente pelas alunas, que seguiam uma escala de tarefas determinadas pelas irmãs responsáveis.

"Havia sempre uma aluna encarregada de fechar o dormitório: ela ficava por último, verificava se não estava ficando ninguém para traz e trancava o dormitório".

As alunas que se destacavam ao cumprir suas tarefas eram exemplarmente homenageadas e serviam como ilustrações nas aulas de civilidade.

Uma das nossas entrevistadas, ainda hoje arruma o seu armário e os dos seus filhos como lhe foi ensinado no Colégio e esta foi uma das marcas que a educação recebida no Colégio deixou em sua vida.

O contato entre internas e externas acontecia na sala de aula. Não havia salas separadas para internas e externas.

"As salas eram comuns (...) Durante o tempo de aula não havia separação nenhuma das internas com as externas, eram todas juntas. Só depois que acabava tudo, as internas iam jantar e a gente vinha embora, ia pegar o bonde especial. O bonde especial já estava esperando, né, lá na avenida Cristovão Colombo. (...) ele vinha até na Floresta. (...)"

a convivência entre meninas do internato e do externato era restrita ao espaço do Colégio. Algumas externas traziam informações, cartas, livros e novidades de "fora", servindo de "elo", para as internas, entre o mundo exterior e o interior. Esse "elo" tinha que ser escondido das irmãs, se elas percebessem ou descobrissem alguma coisa "suspeita" repreendiam severamente, como ocorreu no fato relatado abaixo:

"(...) Quando eu fiz quinze anos, eu ganhei um romance, naquele tempo o romance era de 'Madame Delly', água com açúcar né, uma história linda, sabe, chamada 'Magaly', mamãe nem importou que eu lesse o livro; foi a minha amiga vizinha, de minha idade, que me deu com dedicatória, foi por isso que ela (a irmã) viu que o livro era meu (...) No Colégio era proibido levar livro né, podia levar; se a irmã não visse não tinha problema (...) Eu emprestei o livro para uma colega ler (...) Ela foi ler na hora do estudo e a irmã, diretora da nossa turma, pegou o livro (...) Mas quando foi no dia seguinte, na hora que eu estava chegando no Colégio (...) a gente chegava e esperava assim uns quinze minutos, aí batia o sino, pra começar as aulas, entrava na fila e tudo (...), as meninas já estavam lá (...) todo mundo apavorado, porque a irmã estava me chamando (...) Ela me pegou pelo braço e me levou na sala da superiora (...) Me chamou de 'pervertora' da turma e ficou com o livro (...)"

O controle que as irmãs exerciam sobre as alunas através das ordens e da disciplina ficou registrado na memória de nossas

depoentes que, mesmo hoje, ao lembrarem as "punições", se emocionam, revelando a rígida educação que receberam no Colégio Sagrado Coração de Jesus.

3. Os Rituais Pedagógicos

O jantar das internas era servido às seis horas em ponto. Depois do jantar, uma vez por mês, havia uma reunião com todas as alunas internas, para a entrega dos distintivos, conforme o merecimento de cada aluna, para serem usados durante o mês que se iniciava. Este distintivo era uma medalha com um lacinho de fita vermelha, a cor do Espírito Santo. De um lado da medalha estava a figura do Padre Arnaldo, fundador da Congregação, e do outro lado, o símbolo do Espírito Santo, uma pombinha. Este distintivo era entregue às alunas que obtivessem boa nota de comportamento. As que não conseguiam nota razoável perdiam o distintivo e a saída mensal. (Esta medida disciplinar servia como castigo.) As alunas que obtinham excelente nota de comportamento, tinham o nome colocado no QUADRO DE HONRA que ficava numa parede de destaque na sala de visitas, na entrada principal do Colégio.

Anualmente, era realizado pelo Colégio o RETIRO ESPIRITUAL, quando havia pregações, meditações, leituras de trechos da Bíblia e o silêncio era observado durante os três dias.

"Nas meditações, fazíamos uma revisão de vida, exame de consciência, planos para o futuro no sentido de maior espiritualidade e aprimoramento. Nos últimos tempos, depois da palavra do pregador, quem quisesse, podia fazer perguntas, por escrito."

No artigo "RETIRO ESPIRITUAL", a aluna Dagmar Garcia resgata a importância destes dias de reclusão espiritual:

"Um ano passara e as nossas almas, filhas do Espírito do Amôr, ansiosas e inquietas precisavam do silêncio para se concentrar em si mesmas e pôr em ordem a desorganização causada por nossas inconstâncias. Assim surgiu o Primeiro de Agosto, que nos trouxe a feliz mensagem do retiro. Três dias de bençãos regidos pelo amor de Deus que, pela boca de um seu ministro, nos enviava sua palavra. Quão sublimes foram aqueles pensamentos, quão ensinadoras as práticas! Almas seguisas da verdade, qual foi a impressão que tiveram ao iniciarem e ao terminar este retiro? A princípio, um certo receio, certas dúvidas lhe obscureciam a vontade: mas a medida que o tempo passava, graças a iluminavam e, então, meditavam com o pregador a sua pequenez e o seu fim."

(GARCIA, 1943, p. 17)

As festas de Pentecostes e de Corpus Christi eram duas comemorações tradicionais no Colégio. Havia procissões e as alunas participavam intensamente de sua preparação e realização. Eram feitos tapetes de flores e de serragem e outros enfeites variados.

As alunas do Colégio participavam de excursões que eram feitas a Juiz de Fora, no Colégio Stela Matutina, também pertencente à Congregação Missionária Servas do Espírito Santo.

Uma das atividades que as internas adoravam eram as sessões de cinema que eram realizadas no Colégio Arnaldo. Essa "diversão" quebrava a rotina dos dois Colégios e era uma forma de as alunas do "Sagrado" terem contato com os alunos do Colégio Arnaldo, o que acontecia raríssimas vezes.

A partir dos depoimentos de algumas ex-alunas, percebemos que até os finais da década de oitenta, as alunas acreditavam na

existência de um túnel que ligava o Colégio Sagrado Coração de Jesus ao Colégio Arnaldo.

Uma das ex-alunas que estudou no Colégio na década de quarenta relata:

"Diziam que tinha um subterrâneo ligando o Sagrado ao Arnaldo, utilizado no tempo de guerra, por causa da perseguição aos alemães."

Já uma ex-aluna da década de oitenta assim descreve sobre o túnel:

"Tinha muitas histórias sobre as irmãs, tinha o tal túnel que ligava o Colégio no Colégio Arnaldo, e a gente ficava tentando descobrir onde é que era o túnel."

Tinha a história de que o túnel ficava no auditório, no alçapão que tinha. Ai, de repente, quando a gente tinha uma aula lá, aí as meninas ficavam fuçando lá pra ver onde é que era o tal alçapão, (...) aí quando a professora distraía todo mundo ia lá, abria o alçapão, aí tinha escada mesmo, aí — 'vai, vai, lá! — 'Não, eu tenho medo.'"

Os dois depoimentos acima demonstram como o imaginário das alunas era criado como uma forma de "justificar" as áreas que elas eram proibidas de freqüentar e que mesmo com o passar do tempo fazia e ainda faz parte das histórias do Colégio.

Algumas ex-alunas ligaram a existência do túnel à perseguição que os alemães sofreram em Belo Horizonte. Mas o depoimento da diretora do Colégio, Irmã Obedientíssima, nos conta que:

"Houve uma passeata aqui em Belo Horizonte, mas não chegaram aqui (no Colégio Sagrado Coração de Jesus), eu ouvi dizer que um senhor se pôs na frente e desviou a atenção deles do Colégio... Quebraram algumas janelas do Colégio Arnaldo e entraram na Boa Viagem (Igreja), mas lá eram italianos."

Teve uma vez também que eu estava dando aula e chegaram na porta falando: — Os pais da fulana vieram buscá-la... Eles vão jogar bombas aqui... Eu disse que eles não iam fazer nada porque elas, (as alunas), eram brasileiras."

4. O Colégio do Ponto de Vista das Alunas

A partir de alguns depoimentos de ex-alunas, percebemos o quanto o Colégio foi e é importante em suas vidas.

"Voltando ao passado, lembro saudosa os dias felizes passados em Belo Horizonte, naquela casa bonita e grande, que é o meu querido 'Sagrado Coração'."

(OLIVEIRA, 1956, p. 23)

"Meu colégio! Como é bom recordar! A gente revive, nas recordações, as doçuras e alegrias do passado, daquele tempo que tanto desejávamos ver voltar. A infância e a mocidade pouco têm que recordar. Alimentam-se de sonhos e de castelos futuros (...) Deixa-me entreter-me contigo, nas caras recordações do tempo em que caminhávamos juntos, nós dois: tu, como meu mestre e guia — eu, como tua discípula; tu, como ninho quente e acolhedor; — eu, como avezinha a abrigar-me em teu calor."

(ALENCAR, 1961, p. 29)

O Colégio representava, para as alunas, além da continuidade do lar, uma "grande família" que por várias gerações dava proteção e acolhida às meninas, muitas delas provindas do interior do Estado de Minas Gerais. Ali recebiam uma educação cristã voltada para a formação da mulher mineira.

Em um artigo a ex-aluna Solange Rezende Costa nos relata

a experiência e o sentimento das alunas ao chegarem ao Colégio:

"A princípio custa um pouco; a gente não está acostumada e são tantas caras desconhecidas, que nos sentimos confusas. As novatas, deparando aquelas altas grades, têm até vontade de chorar: São tão altas! Mas, depois, quando a gente se acostuma, não há vida melhor.

(...)

A única coisa que interrompe a nossa contínua alegria é a saudade de nossos pais. Esta saudade, coitada, não se pode separar de nós, pois se estamos no Colégio, sentimo-la de casa e, se estamos em casa, sentimo-la do Colégio.

(COSTA, 1943, p. 19)

A ex-aluna Maria Auxiliadora Marques Santos, da Terceira série B, escrevendo uma poesia homenageando o Colégio, relata o significado que o educandário tinha para ela:

Ao Colégio

*Neste Colégio querido.
Continuação do meu lar,
Quanto tesouros recebo
Que eu nem consigo contar.*

*É aqui que eu recebo
O carinho e a instrução
E aprendo a seguir sempre
A destra da salvação.*

*Com certeza Jesus Cristo
Lá no céu já reservou
Um cantinho bem florido
Para o santo que o fundou.*

*Também nós todas no céu
Um dia nos encontraremos
As meninas e as Irmãs:
Quanta algazarra faremos!*

*Salve! muitas vezes salve!
Salve! muitas vezes salve!
Este Colégio cristão!
Salve! muitas vezes salve!
O Sagrado Coração!*

(SANTOS, 1943, p. 18)

Essas recordações do tempo de Colégio ficaram registradas nas entrevistas realizadas, nas páginas da Revista "REX" (Revista das alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus) e da revista "LUZ! ALEGRIA! E FORÇA!" (Órgão Literário da Congregação Servas do Espírito Santo, coordenado pela Irmã Inês, que trabalhou por vários anos no Colégio).

As comemorações, como as festas religiosas, os torneios, os jogos, as formaturas e os uniformes (diário, de ginástica e o de gala) usados em cada ocasião, foram lembrados pelas ex-alunas.

Em um artigo da Revista "REX", intitulado "AH! MEU COLÉGIO!", uma ex-aluna (anonimamente) relembra os melhores tempos do Colégio, quando participava da "Parada da Juventude".

"Comecei a recordar o delicioso tempinho de estudante, sobretudo este dia, (...) o 4 de setembro (...) tão ansiosamente

esperado pelas internas e tive não sei o que de estranho, não foi só saudade, mas um desejo veemente de ver aqueles dias voltarem, uma vontade enorme de me ver dentro do nosso alvo uniforme de gala, no meio das saudosas colegas preparando-me também para desfilar com a juventude em festa."

(AH! MEU COLÉGIO!, 1943, p.24)

No artigo "MENSAGEM DE UMA ALUNA", Nazaré Duarte de Oliveira vai relembrando, assim, as festas e o cotidiano do Colégio:

"(...) vou recordando tudo, lembrando-me de todos: dos jogos de vôlei, das nossas barraquinhas animadas no mês das "Missões" (outubro), dos bailados organizados pela competente professora D. Nela (professora de Educação Física); das experiências de Física tão interessantes e instrutivas que a Irmã Arnaldia, sempre bondosa, fazia no laboratório bem montado (...)"

(OLIVEIRA, 1956, p. 23)

Na poesia "SAUDADE DE ALUNA", escrita por Nysa Maggessi Trindade, a rotina do Colégio é assim descrita:

*Bem me lembro, está viva a memória!
Aulas, provas, lições, tudo quente e fecundo!
Que lugar você teve? O primeiro, o segundo?...
E a carteira da frente, o troféu da vitória!...*

*A capela imponente, iluminada, enorme,
A parada na rua, a bandeira que passa,
O pão-doce gostoso, o arroz doce de graça,
As pregas imortais da saia do uniforme...*

*Os bondes especiais zunindo de manhã,
As orações de entrada e tantas vozes juntas,
E, a tarde, a despedida em mágica revoada...
Ah! saudade feliz do meu gorro de lã,
Do eco de minha voz respondendo as perguntas,
Dos passos dos meus pés morrendo pela escada...*

(TRINDADE, 1952, p. 111)

5. A Formação das Alunas - o Ideal de Mulher

A leitura cuidadosa que fizemos dos depoimentos e de vários artigos das Revistas "REX" e "LUZ! ALEGRIA! FORÇA!" nos permitiu perceber as bases afetivas presentes nas relações das irmãs com as alunas e que nortearam a formação do ideal feminino de mãe e professora.

"Foi aí no "Sagrado Coração" que encontrei outras mães, que me orientaram e me formaram para a vida;"

(OLIVEIRA, 1956, p. 224)

As lembranças deixadas na memória de cada ex-aluna resgatam o importante papel que as irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus tiveram na formação das mulheres, professoras e mães mineiras.

*"O Colégio formava a mulher para o lar e para a escola.
(...)"*

Sinto-me sangrar, por ser obrigado (sic) a partir, a não ser mais o alvo do carinho e da dedicação das Servas do Espírito Santo, das verdadeiras mães a quem dedico a sincera vene-

ração. A elas devo o aprimoramento de todos os meus bons sentimentos. Lapidaram-me, qual a um diamante bruto, com a maestria de artistas geniais. Fizeram-me pulsar pelas causas nobres, elevam-me aos píncaros suaves dos ideais puros e belos."

(PEREIRA, 1952, p. 116)

"A convivência com as virtuosas e abnegadas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo enchia-me a vida colegial de alegrias puras e santas, jamais esquecidas por mim. O desvelo, carinho e amor das boas Irmãs cativaram o meu coração e minoraram grandemente as imensas saudades que sentia dos meus queridos pais, irmãos, do aconchego do lar paterno."

(IRMÃ ÂNGELA, 1952, p. 124)

"Essas mães espirituais educariam meninas, segundo essas qualidades e virtudes, para serem mães. No mesmo compasso, a sociedade proclamava que a mestra das meninas, por excelência, era a mãe, a sua mãe, ajudada pelos manuais de etiqueta, conduta, etc, ensinando-as a bordar, a dirigir uma casa, a manter as coisas (todas) nos seus devidos lugares. Trata-se da transmissão de uma moral familiar na qual o ensinamento religioso ocupa um lugar fundamental. Evidentemente, em um tipo de educação como esta, predomina a formação do caráter, do coração, da consciência, em detrimento da formação intelectual. Durante muitos anos, esse círculo, mesmo na Europa, não foi rompido". (LOPES, 1990, p. 33)

No artigo "PÁGINAS QUE SE VOLTAM...", a ex-aluna Teresa Pena Pereira nos fala dos objetivos da educação que recebiam:

"(...) porque, se não realizamos, muitas de nós, a vida no matrimônio, a realizamos como quis Deus, de outra maneira. Felizes nos sentimos, porque somos úteis ao nosso próximo e, assim, completamos a nossa vida;"

(PEREIRA, 1961, p. 18)

A preocupação com a educação de jovens cristãs, principalmente em mostrar às almas juvenis o caminho da vocação e do apostolado, era uma constante no trabalho desenvolvido pelas irmãs da Congregação, o que as ex-alunas, nos depoimentos abaixo, exaltam, solicitando, entretanto, a omissão de seus nomes:

"(...) sempre em tudo, em cada uma das nossas mestras, nota-se o grande apostolado, de conduzir mais por seus exemplos do que por suas palavras, toda aquela exuberante juventude, para ir ao encontro, em seguimento do Divino Mestre.

Como é difícil orientar de tal modo que cada aluna possa eleger o seu estado, descobrir sua própria vocação, de tal modo que tudo contribua para a glória de Deus, o bem da sociedade humano (sic), hoje tão necessitada de nosso pequenino e pessoal auxílio para torná-la feliz.. Era necessário fazer-nos compreender que, se seguir Aquele que é Verdade, Caminho e Vida, é impossível fazer alguma coisa,

querer, esperar alguma coisa. **Incutir nos corações femininos o verdadeiro sentido da missão da mulher é tarefa quase sobrehumana.**⁷ E os educadores tem de buscar junto ao sacrário os ensinamentos que os orientam, tornem profícua sua missão. Se nos fosse possível perscrutar esses corações de mestras, depois de um dia de rudes labores, aos pés do Tabernáculo, haveríamos de ouvir a divina e sublime tarefa de unificação do homem e Deus!

Naquele punhado de jovem estava uma grande parte do futuro de nossa pátria. Era preciso, antes de tudo, firmá-las nas convicções sólidas do Evangelho; Era preciso formar "mártires", virgens consagradas, confessoras inabaláveis da fé, "mães", "esposas"... era preciso quase desvendar o futuro de cada uma e prepará-las para as cidades do reino de Deus. Quando seus olhares perscrutadores descobriam uma vocação religiosa em germen, que não faziam para cultivá-la? Uma orientação segura e particularizada se iniciava e, sem tolher a liberdade na escolha da Congregação, faziam tudo para que a voz eletiva do Esposo fosse ouvida. Quantas vezes me quedo pensando quanto recebi dessas que foram minhas mães, gerando-me, por assim dizer, para tão sublime vocação."⁸

"(...) Com o correr do tempo fui notando e observando com mais atenção a sublimidade do estado religioso, cujo exemplo edificante, diário, muito me impressionava. Minhas santas mestras,⁹ que influência salutar exerceram sobre mim! Seus conselhos, instruções, explicações, sua sábia e prudente orientação penetraram profundamente o meu coração que, hoje, ainda grato e saudoso, recorda os nomes destas almas repletas de amor divino e zelo pelas almas que lhe foram confiadas; (...) Ao contacto íntimo e puro com essas almas de escola, avivou-se cada vez mais em mim o desejo ardente, a aspiração sublime de consagrar-me inteiramente a Deus no estado religioso. Sob a orientação sábia, piedosa e prudente das queridas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, minha vocação se foi firmando e fortificando cada vez mais. Ao terminar o curso normal, em 1935, sentia o desejo de entrar imediatamente no convento, aspiração esta que só realizou em fevereiro de 1937.

(...)

Aqui deixo gravada para sempre minha perene, imorredoura gratidão e amor à querida e cara Congregação Missionária das Irmãs Servas do Espírito Santo, às minhas extremecidas mestras que abriram o caminho de minha felicidade vocacional."

Além da formação religiosa, as irmãs se preocupavam com o magistério, que tinha como objetivo principal formar boa mãe e boa educadora, ideal a ser alcançado pela mulher, e que como sacerdócio, missão e vocação, deveria ser desenvolvido com afinco pelas professoras.

"Na educação escolar os ideais de mulher submissa, obediente, recatada, prendada, certamente eram ensinados às jovens estudantes. A formação das normalistas confundia até certo ponto o papel de professora com o de mãe; por isso se falava tanto em vocação e era senso comum a idéia de que a mulher era mais adequada ao magistério primário. A função maternal era transferida dos filhos para os alunos e continuaria a ser por muitos anos exaltada."

(LOURO, 1987, p. 32 e 33)

Segundo M. Etienne

"A tarefa de educar será confiada à professora. Educar é

7 Grifo nosso.

8 idem.

9 idem.

ocupar-se da menina desde a mais tenra infância; e envolvê-la de sua mais salutar influência; e seguiu-a pouco a pouco, desde o começo de sua vida e sempre cultivando sua inteligência, alimentando seu coração com sentimentos diversos, formando-a na prática de todas as virtudes que devem compor sua riqueza aqui na terra, prevenindo-a contra todas as armadilhas e todos os perigos que ela deve enfrentar, assegurando sua felicidade em um mundo melhor. Para isso, era preciso exercer a maternidade espiritual, patrimônio de vossa santa vocação e que o céu vós confia para assegurar sua felicidade no tempo e na eternidade."

(LOPES, 1990, p.33)

No artigo "EM CONTATO COM AS CRIANÇAS DE MINHA ESCOLA", a ex-aluna Maria Conceição Arreguy escreve:

"Chegara enfim o momento de apresentar-me as pequerruchas como mestra. O meu otimismo apagava, como por encanto, as negras tintas fictícias daquele momento, que alguns, antes de mim, taxaram de terrível. Onde estava o terrível? Onde? Não o encontrei, embora disposta a enfrentá-lo, ou talvez por isso mesmo.

Talvez, não sei, a minha disposição para lutar, o meu desejo ardente de vencer o desânimo tenham sido a causa do desaparecimento repentino do 'terrível', daquele ambiente que encontrei tão calmo.

Estava vencida a primeira dificuldade, parte do terreno estava vencido.

Tratava-se agora de insinuar-me entre aquelas criaturinhas adoráveis; era preciso apossar-me de seus corações, descobrindo-lhes seus pendores, encaminhando, sem ser sentida, suas boas e más tendências.

Quanta coisa bela, o meu primeiro contato com as crianças me fez ver! Vislumbrei naquele bando delicioso de criancinhas, esboços de incomparáveis obras de arte.

(...)

A infância, sabemos, carece de carinho e por meio desse tudo será obtido... Compreendi o 'porquê' dessas palavras. Sintome feliz.

Ali, o meu instinto de mulher se manifestou, pela primeira vez, a pessoas animadas.

Sentia agora, maior e mais sublime emoção do que aquela que sentia outrora na infância, quando ganhei a primeira boneca.

Se outrora já sentia nascer em mim o instinto maternal, agora via-o tomar vulto, crescer e ocupar-me de todo o ser.

Era sublime vocação de mestra que se manifestava em mim, acordando-me para a vida real, do sono placido em que me encontrava.

Mulher e mestra, como Gabriela Mistral, pedi com suas palavras ao Senhor, as qualidades de que necessito para dirigir meu rebanho.

Pedi-lhe que eu seja a mãe de meus alunos, antes que mestra. Que Ele me dê que eu siga as pegadas de Minha Mãe, exemplo vivo daquilo que Gabriela quisera ser, e terei alcançado o meu ideal: ser verdadeiramente uma 'professora'!"

(ARREGUY, 1943, p. 20)

"Ser verdadeiramente mestre e mais mãe, (das(os) alunas(os)), do que as próprias mães" são afirmações contidas na ORAÇÃO DO MESTRE, escrita por Gabriela Mistral (citada por LOPES, 1991, p. 161), onde o papel desempenhado pela mulher, na educação, se realizaria através da vocação e da plena doação.

Segundo Pecaut,

"A vocação da mulher resume-se em duas palavras: mães de família e professora. Esses dois tipos reduzem-se a um só. Como a mãe, a professora se impõe pela ternura e pelo amor. Como a mãe, deve dar, em primeiro lugar, o bom exemplo, e suscitar nas crianças o desejo de imitá-la. Mãe e professora profissional visam a um mesmo objetivo: formar uma menina que se torne por sua vez uma boa mãe, educadora e professora."

(citado por BADINTER, 1985, p. 264)

Educar as alunas para a **sublime vocação** de mãe e de professora era um dos objetivos das Irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Para a realização destes dois papéis, a formação que as mulheres recebiam se caracterizava com uma **missão** que por elas deveria ser assumida ou pela via da vocação religiosa, (continuando assim o trabalho das Missionárias Servas do Espírito Santo), ou na tarefa de educar as filhas e os filhos da exigente elite mineira.

A dicotomia entre a função que cabia à mulher nas esferas pública e particular, ainda aparece em vários estudos. O espaço público era e é reservado aos homens e o espaço privado às mulheres, o que, sem ser uma regra geral, determina e justifica o papel que a mulher tinha, e ainda tem, na família, como esposa e mãe, vocação natural que a diferencia do outro sexo.

Garantir um melhor desempenho do papel feminino, na sociedade, foi um dos argumentos que permitiram o acesso da mulher à educação, e que a elite brasileira, com o apoio da religião católica, soube administrar conforme suas necessidades.

Educar as mulheres da elite mineira era necessário para que "elas permaneçam filhas afetuosas, e se tornem mais tarde esposas devotadas e mães zelosas."¹⁰ Era importante ter as filhas bem instruídas, para cumprir o principal ofício que a mulher podia exercer: ser professora.

6. O que se remete este fazer...

Acreditamos que uma investigação mais detalhada no campo da educação deve levar em conta não só as relações educativas que permeiam o ensino, como também as relações de gênero que constroem e definem a atuação dos sujeitos (homens e mulheres) envolvidos nessa ação.

A constituição de áreas de pesquisa e grupos de discussão e de análise com o enfoque de gênero na educação é questão que começa a surgir nos meios acadêmicos e que tem a preocupação de resgatar o papel que homens e mulheres tiveram ao longo da história.

Pretendemos, ao finalizar este artigo, não dar por esgotado o tema proposto, mas apontar a necessidade de uma análise mais aprofundada do material coletado em nossa pesquisa, que está disponível no acervo do GEHEM, para futuros estudos no campo da história da educação da mulher, em Belo Horizonte.

10 F. Mayuer, L'Éducation des filles en France au X-XIX^e siècle, Paris: Hachette, 1979, p. 173.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ah! Meu Colégio! **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 24, set./out. 1943.
- ALENCAR, Irmã Therezinha S. Ao meu colégio. **Revista Luz! Alegria! Força!**, v. 5, n. 4, p. 29, 1961.
- ARREGUY, Maria Conceição. Em contato com as crianças de minha escola. **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 20, set./out., 1943.
- AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil; enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BRADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado; o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1979.
- COSTA, Solange Rezende. Alegrias do colégio. **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 19, set./out. 1943.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: INEP/Cortez, 1989.
- GARCIA, Dagmar. Retiro espiritual. **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 17, set./out. 1943.
- GROSSETI, Cybelle de Almeida. **O magistério feminino laico no século XIX; uma abordagem histórico filosófica**. Porto Alegre, 1991. (Tese)
- HADDAD, Maria de Lourdes, SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares. **A educação da mulher em Belo Horizonte - a contribuição das dominicanas do Colégio Santa Maria 1903-1968**. (Relatório de pesquisa)
- HORTA, Lúcia de Figueiredo. Belo Horizonte. **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 16, set./out. 1943.
- Irmã Ângela. O chamado Divino. IN: JUBILATE deo 50 anos da S.S.P. no Brasil. Porto Alegre: Santa Maria, 1952, p. 124-25.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Uma contribuição da história para uma história da educação. Em **Aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, p. 29-35, jul./set. 1990.
- _____. **Da sagrada missão pedagógica**. Belo Horizonte: UFMG, 1991. (Tese Concurso Prof. Titular)
- LOURO, Guacira. **Prendas e antiprendas; uma escola de mulheres**. Porto Alegre: Universidade, 1987.
- MIGUEL, Sor Maria de "Benedice omnia opera, Domini, Domino: laudate et superexaltate eum in salcula! - In: JUBILATE deo 50 anos da S.S.P. no Brasil. Porto Alegre: Santa Maria, 1952, p. 124-25.
- NADAI, Elza. A educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na Primeira República; discriminação ou emancipação. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, n. 1/2, p. 5-34, jan./dez. 1991.
- OLIVEIRA, Nazaré Duarte de. Mensagem de uma ex-aluna. **Revista Luz! Alegria! Força!**, v. 2, n. 11, p. 23, 1956.
- PEREIRA, Terezinha Pena. Alegoria. In: JUBILATE deo 50 anos da S.S.P. no Brasil. Porto Alegre: Santa Maria, 1952, p. 116.
- PEREIRA, R. Teresa Pena. Páginas que se voltam. **Revista Luz! Alegria! Força!**, v. 6, n. 4, p. 18, jul./ag. 1961.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SANTOS, Maria Auxiliadora Marques. Ao colégio. **Revista Rex**, v. 10, n. 7/8, p. 24, set./out. 1943.
- TRINDADE, Nysa Magessi. Saudade de aluna. In: JUBILATE deo 50 anos da S.S.P. no Brasil. Porto Alegre: Santa Maria, 1952, p. 111.

Documentos

- 50 Anos no Brasil: Jubileu áureo da Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo no Brasil. Porto Alegre; Gráfica do Jornal do Dia. Edição da Gráfica Editora Santa Maria, 1952.
- Rex, Órgão literário das alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, v. 10, n. 7-8, set/out, 1943.
- Missionárias Servas do Espírito Santo, folheto de propaganda da Congregação, São Paulo, Convento Santíssima Trindade, sem data.
- Revista Luz! Alegria! Força! - v. 2 n. 11, jun. 1956.
- Revista Luz! Alegria! Força! -v. 6 n. 4, Jul. 1961, ano VI.
- Folheto "Missionárias Servas do Espírito Santo, produzido pelo Convento da Santíssima Trindade, Santo Amaro, SP.
- Edição comemorativa das Missionárias Servas do Espírito Santo - 75 anos de Brasil.
- "Abordagem sobre a Filosofia Fundamental do Colégio Sagrado Coração de Jesus", elaborado pelo Colégio, sem data e sem autoria.